

LAUREN DESTEFANO

Raptada

TRIOLOGIA
O JARDIM QUÍMICO

— Livro 1 —

Tradução
Irene Daun e Lorena
Nuno Daun e Lorena

LIVROS FANTÁSTICOS

 Planeta



Grupo  Planeta

PLANETA MANUSCRITO
Rua do Loreto, n.º 16 – 1.º Direito
1200-242 Lisboa • Portugal

Reservados todos os direitos
de acordo com a legislação em vigor

© 2011, Lauren DeStefano
Publicado com o acordo de Danny Baror Inc
© 2010, Planeta Manuscrito

Título original: *Wither*

Revisão: Fernanda Fonseca

Paginação: Guidesign

1.ª edição: Junho de 2012

Depósito legal n.º 334 475/11

Impressão e acabamento: Guide – Artes Gráficas

ISBN: 978-989-657-220-4

www.planeta.pt

AGRADECIMENTOS

Obrigada à minha família maravilhosa pelo seu apoio, amor e carinho. E um agradecimento superespecial aos meus primos mais novos pela sua magia e por me despertarem a imaginação e o engenho quando eu mais precisava.

Obrigada aos meus professores dos 5.º e 7.º anos por me lerem as primeiras histórias, por não mas queimarem e por me terem feito acreditar na ideia de que era capaz de publicar um livro.

Obrigada à doutora Susan Cole, ao professor Charles Rafferty e aos meus antigos colegas do Albertus Magnus College por todas as *workshops* sobre escrita, à senhora Deborah Frattini e ao doutor Paul Robichaud, que me apresentaram a autores novos, os quais, por sua vez, ainda hoje influenciam tudo o que escrevo.

Obrigada a Barbara Poelle, a minha agente, uma pessoa maravilhosa e transcendental, por todo o esplendor e optimismo, sem a qual esta história nunca teria chegado ao fim. Obrigada a Alexandra Cooper, a minha fantástica editora, por partilhar esta visão comigo. Obrigada a Lizzy Bromley pela capa de cortar a respiração. Obrigada à equipa da Simon & Schuster Books for Young Readers por todo o trabalho árduo e por terem sido sempre maravilhosos e entusiastas.

Obrigada a Allison Shaw, que leu as páginas do meu manuscrito em salas de aula, restaurantes, cafés e livrarias e que nunca me teceu uma crítica negativa – tudo o que escrevo é melhor por causa dela. Obrigada a Harry Lam pelas longas conversas ao telefone relacionadas com pormenores,

pela sua lógica e por me ter sempre incentivado. Obrigada a Amanda Ludwig-Chambers por ser a mais incrível e a mais poética das fãs. Obrigada a April Plummer por ter lido o primeiro rascunho desta história e pelas suas sugestões e encorajamentos. Obrigada a Laura Smith, minha colega nesta coisa de estar sempre atormentada e frustrada com a arte e as pessoas. E obrigada a todos os que me apoiarem, que leram fragmentos desta história em IM e e-mail e que me propuseram os seus pensamentos e conselhos. Nunca teria conseguido sozinha.

É ASSIM QUE O MUNDO ACABA:

COM UM SUSPIRO,

NÃO COM UM BANG.

T. S. Eliot, *The Hollow Men*

Limito-me a esperar. Estamos há tanto tempo na escuridão que perdemos a noção de que temos pálpebras. Dormimos em cima umas das outras como os sem-abrigo, de olhos esbugalhados, sonhando que os nossos corpos balançam.

Percebo quando uma das raparigas tenta subir pelas paredes quando a ouço aos murros e aos gritos – o som é metálico – mas nenhuma de nós a ajuda, enterramo-nos ainda mais nas trevas porque já nem sabemos falar.

As portas abrem-se.

A luz é assustadora, a luz do mundo a entrar pelo útero dentro, a luz do túnel brilhante que acompanha a morte. Tapamo-nos com os cobertores, horrorizadas, sem querermos saber se é o princípio ou o fim.

Tropeçamos quando eles nos dizem para sair porque já mal nos lembramos para que servem as pernas. Há quanto tempo? Dias? Horas? O céu espera no seu lugar habitual.

Pomo-nos ao lado umas das outras para que os homens de fato cinzento nos examinem.

Já tinha ouvido falar disto. No sítio onde vivo, há montes de tempo que as raparigas desaparecem das camas, da beira da estrada por onde caminham. Aconteceu a uma perto de mim. Depois a família dela desapareceu, mudou-se. Ou porque foi à procura dela ou porque sabia que ela nunca mais voltava.

E agora é a minha vez. Eu sei que as raparigas desaparecem, mas não sei o que acontece depois. Vou ser assassinada? Vendida a um bordel? Sei que aconteceu a algumas. Só há outra hipótese: noiva. Já as vi na televisão, adolescentes, belas mas relutantes pelo braço de um homem rico que se aproxima da idade letal dos vinte e cinco anos.

As que nunca chegam aos ecrãs, as que não passam na inspecção, vão parar a um bordel qualquer. Algumas são encontradas assassinadas nas bermas das estradas, a apodrecer, a olhar para o Sol abrasador porque os Colectores não quiseram saber delas e outras desaparecem para sempre, deixando as respectivas famílias a perguntar o que lhes terá acontecido.

As raparigas são raptadas assim que os seus corpos têm maturidade suficiente para dar à luz, aos treze anos, porque aos vinte é demasiado tarde. O vírus não perdoa.

Medem-nos as ancas para determinar a força e abrem-nos a boca para que os homens nos avaliem a saúde pelos dentes. Uma das raparigas vomita – talvez seja a que gritou – e limpa a boca a tremer, aterrorizada. Eu não me mexo, decidida a ser anónima, sem préstimo, inútil.

Sinto-me demasiado viva no meio destas raparigas moribundas de olhos meio abertos. É como se os seus corações mal batessem, enquanto o meu me palpita no peito. Após tanto tempo juntas na escuridão do furgão, é como se nos tivéssemos fundido umas nas outras, somos uma coisa sem nome neste inferno estranho. O melhor é não me destacar.

Mas nada há a fazer, alguém reparou em mim. Um homem, muito seguro de si, caminha ao longo da fila, pensativo, permitindo que os homens de cinzento nos apalpem enquanto nos examinam.

Os seus olhos verdes, quais pontos de exclamação, encontram os meus e ele sorri. A sua boca cintila, sinal de riqueza, o que é invulgar dado que é demasiado novo para ter dentes de ouro. O homem continua a caminhar e eu olho para os meus sapatos. *Estúpida!* Nunca devia ter levantado a cabeça. A cor estranha dos meus olhos é a primeira coisa em que as pessoas reparam.

O homem diz qualquer coisa aos de cinzento, estes olham para nós, concordam uns com os outros, ele sorri de novo na minha direcção e entra para um carro que arranca, levantando pedaços de gravilha.

Uma dúzia de raparigas, incluindo a que vomitou, volta para a carrinha, seguida por um dos homens de cinzento. Restamos três, com o intervalo das outras entre nós. Os homens falam de novo entre si e um deles diz, indicando o assento de trás de uma limusina estacionada na gravilha:

– Vamos. – Estamos algures, não muito longe da auto-estrada porque ouço os sons longínquos do trânsito. As luzes começam a acender-se no horizonte nublado cor de púrpura, com a aproximação da noite. Não sei onde estou, só sei que estou numa estrada desolada, longe das ruas cheias de gente a que estou habituada, perto de casa.

Vamos. As outras duas raparigas entram antes de mim. Um vidro fumado separa-nos do condutor. No momento em que a porta se fecha, ouço algo no interior do furgão para onde foram levadas as outras raparigas.

O primeiro de doze tiros.



Acordo numa cama com lençóis de cetim, enjoada, a suar e a latejar. A primeira coisa consciente que faço é chegar-me à beira do colchão e vomitar para o tapete encarnado. Ainda estou a cuspir, meio engasgada, quando alguém começa a limpar a porcaria com um pano.

– Nem toda a gente reage da mesma maneira ao soporífero – diz a voz masculina, compassiva.

– Soporífero? – exclamo, levando a manga de renda branca à boca para me limpar, mas ele estende-me um guardanapo, também encarnado.

– Sai pela canalização da limusina – explica. – Para não saberes para onde vens. – Lembro-me do vidro que nos separava do condutor. Claro. E lembro-me vagamente do ar a sair pelas condutas de ar do carro. – Uma das outras raparigas – acrescenta o rapaz enquanto pulveriza o sítio onde vomitei com uma espuma branca – quis atirar-se da janela do quarto abaixo, tão desorientada estava. É claro que não conseguiu porque a janela estava fechada e é à prova de bala.

Apesar das coisas horríveis que diz, a sua voz é baixa, mesmo simpática.

Olho para a janela por cima do ombro. Fechada. No exterior o mundo é verde e azul, mais brilhante do que em minha casa, onde só há pó e os restos do jardim da minha mãe que eu não consegui recuperar.

Algures ouvem-se uns gritos de mulher. O rapaz retesa-se por um momento e depois continua a esfregar a espuma.

– Eu ajudo-te – ofereço-me. Um momento antes não me sentiria culpada por dar cabo de tudo o que está na minha frente porque sei que estou aqui contra a minha vontade, mas o rapaz não tem culpa alguma, não é um dos Colectores de fato cinzento que me trouxe. Se calhar também está aqui contrariado. Nunca ouvi falar de rapazes desaparecidos, mas há cinquenta anos, quando o vírus foi descoberto, as raparigas também não desapareciam. Ninguém corria perigo.

– Não é preciso – diz, levantando-se. – Já está. – De facto ficou apenas uma pequena mancha. O rapaz puxa um manípulo na parede, abre uma conduta, atira lá para dentro os panos, fecha-o, mete a lata de espuma na algibeira do avental, pega no tabuleiro de prata que pousara no chão e coloca-o em cima da cama, na minha frente. – Se já te sentes melhor, tens aqui o almoço. Nada que te faça adormecer outra vez, prometo-te – continua ele com um quase, quase sorriso, levantando a tampa de metal de uma tigela de sopa e a de um pequeno prato de legumes e puré de batata a nadar num molho fumegante. Fui raptada, drogada e fechada neste sítio, mas dão-me uma refeição de *gourmet*. A sensação é tão perversa que quase me apetece vomitar outra vez.

– A rapariga que tentou atirar-se da janela abaixo... que lhe aconteceu? – pergunto-lhe, sem me atrever a fazer a mesma pergunta em relação à mulher que ouvi gritar. Dessa nem quero saber.

– Já está mais calma.

– E a outra?

– Acordou esta manhã. Penso que o Governador da Casa levou-a a dar um passeio pelo jardim.

Governador da Casa. Lembro-me do meu desespero e de me ter atirado para cima da cama a chorar. Os Governadores têm mansões, compram raparigas aos Colectores que, por sua vez, patrulham as ruas à procura das candidatas ideais. Os mais generosos vendem as rejeitadas aos bordéis,

mas os meus meteram-nas no furgão e mataram-nas. Durante o meu sono forçado ouvi aquele primeiro tiro vezes sem conto.

– Há quanto tempo estou aqui?

– Dois dias – respondeu o rapaz, estendendo-me uma chávena fumegante. Preparo-me para recusar quando vejo o fio do saco pendurado e aspiro o aroma. Chá. O meu irmão Rowan e eu bebíamos chá ao pequeno-almoço e ao jantar. O aroma lembra-me a nossa casa. A minha mãe cantava de boca fechada enquanto esperava que a água fervesse.

De olhos turvos, sento-me na cama, encosto a chávena à cara e aspiro o vapor para não chorar. O rapaz deve ter-se apercebido de que o que me aconteceu está a atingir-me, finalmente, que estou à beira de fazer qualquer coisa dramática, desatar a chorar ou tentar atirar-me da janela abaixo como a outra rapariga porque começa a dirigir-se para a porta em silêncio, sem olhar para trás, deixando-me com a minha dor. Porém, em vez de lágrimas, quando me deixo cair sobre a almofada deixo sair um grito horrível de raiva, primitivo, um grito de que nunca me julguei capaz.

CAPÍTULO 2

Para os homens, a idade fatal é aos vinte e cinco anos. Para as mulheres é aos vinte. Estamos todos a cair como moscas.

Há setenta anos, a ciência aperfeiçoou a arte das crianças. Uma epidemia conhecida como cancro, uma doença que afectava qualquer parte do corpo e que reclamava milhões de vidas, foi debelada. O sistema imunológico dos bebés foi estimulado, extirpando-lhes alergias e doenças sazonais, protegendo-os até de vírus sexuais. Os partos naturais deixaram de existir, substituídos pela nova tecnologia. Uma geração de embriões, a primeira, produto de uma engenharia perfeita, deu origem a uma população saudável e próspera que se aproxima agora com graciosidade da velhice, praticamente imortal.

Ninguém podia imaginar as consequências aterradoras de tal feito. Enquanto a primeira geração prosperava, e ainda prospera, algo de errado acontecia aos filhos e netos. Nós, as novas gerações, nascemos saudáveis e fortes, talvez mais do que os nossos pais, mas a nossa esperança de vida pára aos vinte e cinco anos para os homens e aos vinte para as mulheres. O mundo vive há cinquenta anos no terror de ver morrer os seus filhos. As famílias mais ricas recusam-se a aceitar a derrota. Os Colectores ganham a vida a raptar mães potenciais, a vendê-las para darem à luz e as crianças nascidas destes casamentos são autênticas experiências. Pelo menos é o que o meu irmão diz, sempre com alguma indignação na voz. Houve tempos em que quisemos saber mais sobre o vírus que nos está a matar. Rowan

atormentava os meus pais com perguntas a que ninguém sabia responder, mas quando eles morreram, o meu irmão gémeo deixou de sonhar que podia salvar o mundo e hoje ri-se de quem tem a mesma fantasia.

Mas nunca nenhum de nós soube o que acontece após o encontro inicial.

Parece que eu vou descobrir.

Passo horas a andar de um lado para o outro no quarto, metida nesta camisa de noite de renda. O quarto está todo mobilado, como se estivesse à minha espera. Um armário embutido cheio de roupa que eu abro apenas à procura de uma porta que dê para o sótão, tal como o dos meus pais, mas em vão. A madeira escura e encerada da cómoda combina com a do toucador e a do divã. Nas paredes alguns quadros genéricos: um pôr do Sol, um piquenique à beira-mar. O padrão do papel de parede é constituído por uma mistura de hera e botões de rosa na vertical que me fazem lembrar as grades de uma prisão. Evito a minha imagem no espelho do toucador, com medo de perder a cabeça ao ver-me neste sítio.

Tento abrir a janela, mas, quando vejo que é inútil, arrisco uma olhadela. O Sol começa a pôr-se em tons amarelos e rosados e o jardim está cheio de flores. Vejo algumas fontes. A relva está cortada de maneira a formar faixas verde-claras e faixas verde-escuras. Perto da casa, uma cerca isola uma piscina de um azul pouco natural. Este, penso eu, é o paraíso botânico que a minha mãe imaginou quando plantou lírios no pátio. Supostamente as plantas cresceriam saudáveis e vibrantes, apesar da sujeira e da poeira. Só houve flores na nossa vizinhança enquanto ela foi viva. É claro que há os cravos meio murchos que as floristas vendem na cidade, tingidos de cor-de-rosa e vermelho para o Dia dos Namorados, e também as rosas encarnadas que se vêem nas janelas, que parecem de borracha ressequida, réplicas químicas, tal como a raça humana, do que deviam ser.

O rapaz que me trouxe o almoço disse que uma das raparigas estava a dar um passeio pelo jardim e eu pergunto a mim mesma se o Governador será generoso ao ponto de nos deixar sair à vontade. Sei pouca coisa acerca deles, excepto que ou têm quase vinte e cinco anos ou que se aproximam dos setenta. Estes últimos são da primeira geração e são uma raridade. Nos dias que correm, quase todos viram os seus filhos morrer prematuramente e não querem voltar a passar pelo mesmo, ao ponto de se

juntarem a manifestações de protesto e a motins violentos que provocam danos irreparáveis.

O meu irmão deve ter percebido de imediato que me aconteceu alguma coisa quando eu não regresssei do trabalho. E já estou longe de casa há três dias. Deve estar fora de si. Rowan falou-me muitas vezes dos agoirentos furgões cinzentos que percorrem lentamente as ruas da cidade a qualquer hora. Mas não foi um deles que me raptou porque, senão, tê-lo-ia visto.

O pensamento do meu irmão, sozinho naquela casa vazia, obriga-me a deixar de ter pena de mim própria. É contraproducente. *Pensa*. Tem de haver uma maneira *qualquer* de fugir daqui. A janela não abre, claro, o armário não vai dar a lado algum e o plano inclinado para onde o rapaz atirou os panos sujos só tem uns centímetros de largura, mas talvez, se conseguir ganhar a confiança do Governador, possa vaguear sozinha pelo jardim. Pelo que vejo da minha janela, parece que nunca mais acaba, mas tem de ir dar a um lado qualquer. Talvez consiga encontrar uma saída se atravessar uma sebe ou se pular uma cerca. Talvez venha a ser uma daquelas noivas públicas que se pavoneiam nas festas da televisão e consiga desaparecer no meio da multidão. Vi tantas, relutantes, sempre a perguntar a mim própria por que não fugiam! Talvez as câmaras não mostrem o sistema de segurança que as impede de o fazerem.

Mas acho que não tenho qualquer hipótese. Pelo que sei, são precisos anos para ganhar a confiança do Governador. E dentro de quatro anos, quando tiver vinte, morro.

Tento abrir a porta e vejo, surpreendida, que não está fechada à chave, ela range um pouco e vejo um corredor.

Ouçõ algures o tiquetaque de um relógio. Ao longo das paredes algumas portas, a maior parte fechadas, com maçanetas iguais às da minha, que afinal estava aberta.

Começo a caminhar, descalça, sem fazer qualquer barulho devido à espessa tapete verde, passo pelas portas à escuta, à espera de qualquer sinal de vida, mas o único som vem da última, ao fundo, ligeiramente aberta: gemidos, suspiros.

Imobilizo-me, gelada. Se o Governador da Casa está a tentar emprenhar uma das suas mulheres, só pioro as coisas. Nem quero pensar no que

pode acontecer – ou sou executada ou me pede que me junte à festa. Não consigo imaginar o que será pior.

Mas não. Os sons são femininos e a mulher está sozinha. Espreito pela fresta e abro a porta.

– Quem está aí? – murmura a mulher, iniciando logo a seguir um acesso de tosse.

Entro e vejo que ela está deitada numa cama com lençóis de cetim, mas também reparo que o quarto dela está mais decorado do que o meu: imagens de crianças nas paredes e uma janela aberta com uma cortina esvoaçante, o que o torna mais confortável, nada que se pareça com uma prisão.

Em cima da mesa-de-cabeceira vêem-se pílulas, frascos conta-gotas, copos vazios ou meio cheios de líquidos coloridos. A mulher levanta-se nos cotovelos e olha para mim. Os seus cabelos são louros como os meus, mas a cor é subjugada pelo tom pálido da tez.

– Quem és tu? – pergunta ela com um olhar feroz.

– Rhine – respondo eu, serena, demasiado enervada para não ser honesta.

– Este quarto é muito bonito, não achas? – pergunta ela. – Já viste os quadros?

Deve estar a delirar porque não percebo o que diz.

– Não – respondo eu, sem conseguir dizer mais nada.

– Não me trouxeste o meu remédio – comenta, deixando-se cair graciosamente no mar de almofadas com um suspiro.

– Não – replico. – Quer que lho vá buscar? – É evidente que ela delira. Se conseguir arranjar uma desculpa, talvez consiga voltar para o meu quarto e ela esquece-se que me viu.

– Não, fica – pede, dando uma palmada na beira da cama. – Estou tão cansada destes remédios todos. Por que não me deixam morrer, simplesmente?

Será este o meu futuro como noiva? Tão encurralada que nem me darão a liberdade de morrer?

Sento-me ao lado dela, oprimida com o cheiro a remédios e a decadência, mas também a mais qualquer coisa, agradável. *Pot-pourri*, pétalas

de flor perfumadas, desidratadas. O aroma melódico está em toda a parte, rodeia-nos, fazendo-me pensar na minha casa.

– És uma mentirosa – diz a mulher. – Não vieste aqui para me dar o meu remédio.

– Nunca disse que tinha vindo.

– Nesse caso, quem és? – pergunta ela, estendendo a mão trémula, tocando-me no cabelo e examinando uma madeixa. – Ah, és a minha substituta. Que idade tens?

– Dezasseis – respondo, espantada com a minha própria honestidade. Substituta? A mulher é uma das esposas do Governador da Casa?

Ela olha para mim por uns momentos e a dor recua, transformando-se noutra coisa qualquer, qualquer coisa quase maternal.

– Odeias isto? – pergunta ela.

– Sim – respondo.

– Então devias ver a varanda. – A mulher sorri ao fechar os olhos, deixa cair a mão do meu cabelo, tosse e o sangue que lhe sai da boca borriça-me a camisa de noite. Tive pesadelos durante os quais entrava num quarto, via os meus pais assassinados numa poça de sangue e ficava à porta, imóvel, demasiado assustada para fugir. Sinto o mesmo neste momento. Estou aterrorizada. Quero fugir, estar noutra sítio qualquer, mas não consigo mexer as pernas, limito-me a vê-la vomitar sangue e a minha camisa de noite a ficar cada vez mais encarnada. Sinto o calor do sangue nas mãos e na cara.

Não sei quanto tempo isto dura. Finalmente aparece alguém, uma mulher mais velha, da primeira geração, com uma bacia de metal que esparrinha uma espécie de água com sabão.

– Oh! Lady Rose! Por que não tocou à campainha, se estava com dores? – pergunta ela.

Levanto-me e dirijo-me para a porta enquanto a mulher, sem sequer reparar em mim, ajuda a outra a sentar-se na cama, tira-lhe a camisa de noite e começa a passar-lhe a água com sabão pela pele.

– A água tem remédio – geme a mulher da tosse. – Consigo cheirá-lo. Remédios e mais remédios. Por que não me deixam morrer?

As suas palavras parecem-me tão horríveis, tão magoadas que, apesar da minha situação, tenho pena dela.

– Que estás aqui a fazer? – murmura uma voz áspera atrás de mim. Viro-me e vejo o rapaz que me levou o almoço, muito nervoso. – Como saíste? Volta para o teu quarto, depressa! – Uma coisa que não tinha nos meus pesadelos, alguém a forçar-me a agir e sinto-me grata. Fujo para o meu quarto, mas vou de encontro a uma pessoa.

Levanto a cabeça e reconheço o homem que me recebe nos braços. O seu sorriso cintila.

– Olá – diz ele.

Não sei o que pensar do seu sorriso, se sinistro, se amável. O homem leva um momento a perceber que tenho a cara e a camisa de noite cheias de sangue, afasta-me e corre para o quarto onde a mulher continua a tossir.

Corro para o meu quarto, tiro a camisa de noite, uso as partes limpas para tirar o sangue da cara e meto-me debaixo dos lençóis com as mãos nas orelhas, tentando abafar aqueles sons horríveis. Que sítio medonho.



Desta vez o som da maçaneta da porta acorda-me. O rapaz que me trouxe o almoço entra com outro tabuleiro de prata, atravessa o quarto sem olhar para mim e pousa-o em cima da mesa-de-cabeceira.

– Jantar – anuncia, muito solene.

Tapada pelos cobertores, olho para ele, mas ele não olha para mim; nem sequer levanta a cabeça quando apanha do chão a camisa de noite cheia do sangue de Lady Rose e a mete no plano inclinado.

– Espera – digo quando ele se vira para sair. – Por favor. – Ele pára de costas voltadas para mim. Não sei quem ele é. Só sei que é mais ou menos da minha idade, que é discreto, que não parece mais feliz do que eu por estar aqui e que quero a sua companhia, nem que seja por um minuto ou dois. – Aquela mulher... – acrescento antes que ele saia, desesperada por umas palavras – ... quem é?

– Lady Rose – responde ele – a primeira mulher do Governador da Casa. – Todos os Governadores têm uma primeira mulher. O número não tem nada a ver com a ordem de casamento, é um símbolo de poder. As primeiras mulheres vão a todos os acontecimentos sociais, aparecem

com os maridos em público e, aparentemente, têm direito a uma janela aberta. São as favoritas.

– O que tem ela?

– O vírus – responde ele, virando-se para mim com um genuíno olhar de curiosidade. – Nunca viste ninguém com o vírus?

– Assim de perto não – digo.

– Nem sequer os teus pais?

– Não. – Os meus pais eram da primeira geração, já tinham mais de cinquenta anos quando o meu irmão e eu nascemos, mas como não sabia ao certo se lhe queria dar a informação, acrescentei: – Tento o mais possível não pensar no vírus.

– Também eu – replica. – Ela perguntou por ti depois de saíres. Chamas-te Rhine? – pergunta ele, olhando para mim. Eu anuo, consciente, de súbito, da minha nudez por baixo dos cobertores e puxando-os mais para o queixo. – E tu, como te chamas?

– Gabriel – responde e eu reparo de novo no quase sorriso, travado, talvez, pelo peso das circunstâncias. Apetece-me perguntar-lhe o que faz nesta casa horrível com os seus belos jardins, a piscina azul e as sebes simétricas, donde é e se tenciona voltar para lá. Apetece-me falar-lhe do meu plano de fuga se alguma vez o tiver, quer dizer, mas trata-se de pensamentos perigosos. Se o meu irmão estivesse aqui, dizia-me para não confiar em ninguém e com toda a razão. – Boa noite – acrescenta ele. – Come qualquer coisa antes de dormires. Amanhã vai ser um dia muito comprido – remata, num tom que me diz que me espera qualquer coisa horrível.

Gabriel vira-se para sair e eu reparo num ligeiro coxear que ele não tinha na tarde anterior. Por baixo do tecido fino do uniforme vejo-lhe a sombra de umas equimoses. Terá sido por minha causa? Terá sido castigado por eu ter saído do quarto? Mais perguntas que não lhe faço.

E ouço-o fechar a porta à chave.